

A ORIGEM *dos* DIAS

MIGUEL D'ALTE



SUMA
de letras

*Para a Sara, a minha maior aventura.
E para o Frederico, a nossa.*

Old age. It is the only disease, Mr. Thomson, that you do not look forward to being cured of... I can remember absolutely everything, young man, that is my curse. That is one of the greatest curses ever inflicted on the human race: memory.

CITIZEN KANE (1941)

PRÓLOGO

Estive sempre convencido de que ela voltaria, fosse na lonjura das tardes que esperei sentado na poltrona do apartamento na Rua do Almada — a garrafa de uísque vazia caída no chão, o cheiro a cigarro na roupa —, ou enquanto percorria o mundo à procura da verdade sobre o meu avô e a literatura — e sobre mim —, perseguindo todos os rostos com que me cruzava.

Naquela noite, decidira procurá-la de novo. A insensatez. Estava de regresso à cidade, esperava pela resposta da editora acerca do livro que escrevera. Apesar do tempo que passara, não me conseguia libertar da tirania de voltar a percorrer as ruas da baixa à procura do prédio onde a conhecera anos antes, o último lugar onde poderia encontrar pistas sobre o seu paradeiro. Não me lembrava do sítio, já o tentara encontrar antes, sempre a pé, desistira de todas as vezes ao fim de umas horas. Mas, nessa noite, a sorte parecia estar do meu lado. De súbito, com surpresa, identifiquei pontos que me pareceram familiares, o restaurante na esquina, os carros estacionados em cima do passeio, a lambreta preta à porta do prédio. Achei ter encontrado a rua, tinha estado sempre ali, mas eu nunca a vira. Ou era tudo imaginação minha?

Olhei para a fachada do prédio, as mãos tremiam-me, suave ligeiramente. Era ali, tinha de ser ali, os pontos de orientação não enganavam, fora daquela janela do segundo piso que fumara um cigarro com ela, conseguia até ver-nos. Alegrei-me. Apesar das horas, alguns apartamentos tinham a luz acesa, inclusive esse. Atravessei a rua deserta, a porta do prédio estava apenas encostada. O átrio cheirava a velho e estava mergulhado na escuridão, a luz fundida. Surpreendido, percebi que não era assim que

o recordava. Receei ter-me enganado, afinal. Subi a escada até ao segundo piso, tentando ficar indiferente ao odor nauseabundo que me afligia o nariz. Bati à porta. Passados uns segundos, bati de novo, com mais força. Por fim, escutei passos lentos que se aproximavam. Boa noite, ouvi, da frincha que se abriu. Desculpe incomodar tão tarde, mas procuro alguém que conheci neste apartamento há quase três anos, numa noite. Quem procura?, perguntaram, enquanto a porta se abria devagar. Uma senhora muito velha e frágil saiu das sombras e parou à minha frente na soleira, nunca a vira. Procuro a Leonor, expliquei, a voz tremeu-me. Não conheço nenhuma rapariga com esse nome, lamento. Há quanto tempo vive aqui? Há quase vinte anos. Vinte anos?, perguntei, a resposta sabia-me a limão. Sim. Mas eu estive aqui, em fevereiro de 1998, numa noite. Era uma festa, as portas estavam abertas, eu não conhecia ninguém. Foi aí que conheci a Leonor. A velha senhora olhou-me de alto a baixo e abanou a cabeça. Isso é impossível. Vivo sozinha há mais de uma década, desde que o meu marido morreu, pouco saio de casa. Não há festas aqui faz muito tempo, acredite no que lhe digo. Mas eu estive aqui! Não é possível ter estado aqui, a voz elevou-se. Muito menos numa festa. Já sou muito velha, mas ainda não estou maluca. Olhei em volta, desalentado, como se esperasse um milagre. No apartamento em frente havia festas, mas agora está abandonado. Neste piso, já só vivo eu. O que aconteceu? Não sei ao certo, não conhecia o rapaz..., respondeu ela, numa voz inquieta. Mas foi uma história trágica, o rapaz suicidou-se. Suicidou-se? Sim, aquiesceu. Encontraram-no morto com comprimidos e garrafas de álcool. Era um músico rico? Acho que não. Só sei que o apartamento ficou vazio desde então. Há quanto tempo?, insisti. Há uns anos, uns dois ou três, respondeu, e eu fiquei a pensar se não teria sido nesse apartamento que estivera na noite de fevereiro de 1998, a linha temporal parecia bater certo, mas as memórias dissipavam-se, pregavam-me partidas, já não sabia o que fora real

ou ilusão — ou um surto psicótico —, o passado corria à minha frente.

Como se fugisse, desci os degraus dois a dois, de volta à rua, ao ar espesso. Percebi que perseguia sombras, amaldiçoado pelo que não compreendia. Acreditava que tinha enlouquecido, como enlouqueciam os anti-heróis da literatura, tudo estaria escrito há muito tempo. Afastei-me rapidamente, um carro passou, ouvi o motor a trovejar, o cheiro a gasolina. Ao fundo da rua, virei à direita, acelerando o passo, fugia, estava condenado por essa obsessão, tinha essa esperança doentia e tirana de que a ia encontrar, que tudo voltaria a ser igual, mas era um tolo à procura de nada, perdido em incertezas e contradições, encurralado pela incompreensão.

E lembrei-me das palavras do meu avô, ditas há tanto tempo, como se fossem de outra vida: Tudo o que procuramos não existe.

PRIMEIRA PARTE

1

Em janeiro de 1998, eu tinha trinta anos, era pobre e um escritor falhado. Vivia no Porto, no terceiro andar de um prédio velho e com o reboco a cair, na Rua do Almada. O apartamento era arrendado e tinha apenas uma divisão. As paredes sujas, o chão de madeira gasto pelos passos do tempo, uma varanda virada para a rua, onde gostava de me sentar a observar o movimento da cidade como se fosse um ecrã de cinema. De manhã, o som dos carros que se acumulavam ao fundo da rua acordava-me, as vozes dos transeuntes chegavam-me pelos vidros finos como folhas, ouvia os lojistas a subir as grades das montras apinhadas de tralha. A cidade despertava.

Nessa manhã, quando me levantei, o apartamento estava gelado. Não tinha dinheiro para o aquecimento, a minha vida de excessos não me permitia pagar todas as contas, vivia desse furor libertário que me apaziguava a destruição interior. Liguei o fogão a gás e coloquei a cafeteira na chama. Depois, aproximei-me de uma das portas da varanda e olhei lá para fora, para o dia cinzento. Esperaria, naquele espaço, dias e noites por algo que nunca chegaria. Mas esperaria. Esperaria uma longa vida. Olhava para aquela triste manhã e pressentia o segredo das coisas, uma declaração divina do que estava para vir. Portanto, esperaria, sem nada saber de quem amara, repartido ingloriamente no tempo. Imaginá-la-ia nua, os seios, as coxas, os longos cabelos loiros, e desesperaria, bebendo, a casa cheia de fumo, ouvindo discos intermináveis, como que riscados, enquanto...

Desviei o olhar da janela ao ouvir o barulho do café a ferver ao lume. Uns instantes depois, já com uma chávena de café forte

na mão, comecei a recolher o lixo de cima da secretária, a garrafa de vinho tinto barato, o maço vazio de *Lucky Strike*. Esvaziei também o cinzeiro, andei pelo chão a apanhar as folhas de papel amarrotadas que lançara para todo o lado, enquanto escrevia na noite anterior. Sacudi a cinza de *Os Passos em Volta*, sentei-me à secretária e retirei da máquina de escrever mais uma folha do artigo que redigia, um trabalho encomendado pelo *Jornal de Notícias* sobre a vida de Herberto Helder. Juntei a folha a outras três, pousei os olhos no título, «Morrerei como se Fosse numa Retrete de Paris», e aproveitei para reler o artigo, ainda tinha uns minutos antes de sair para o emprego.

Dizem que o nosso destino está há muito escrito e que tudo o que fazemos para o evitar é, na verdade, o que nos leva até ele. Naquele tempo, eu era muito novo e vivia demasiado desesperado a tentar recriar fantasias, o aspirante a escritor boémio, os amores rápidos, a solidão indelével. Porém, a verdade é que aqueles dias não foram fáceis, estava perdido há muito tempo, o caminho era insidioso, nebuloso, tremia de medo na cama à noite; olhava para o passado e não acreditava que fosse real, eu não podia ser aquele rapaz que me lembrava da minha infância, nada do que fugia podia ter mesmo acontecido. Mas acontecera e ali estava eu, em risco iminente de nunca me encontrar, à espera. É dessa altura que vos quero falar.

2

Chegara à cidade há dez anos, em 1988, para estudar Letras e tornar-me escritor, um miúdo cheio de sonhos, à espera de viver um romance de aventuras. Porém, nada corra como eu imaginara, as contas rapidamente se tinham sobreposto às ambições. A ilusão, cada manhã acreditava ser esse o dia em que tudo iria mudar, que algo aconteceria. Mas não, os dias sucediam-se de forma indistinta, diluíam-se uns nos outros, ano após ano, estação após estação; passava o tempo perdido entre empregos precários, bares obscuros, folhas em branco, vazio de ideias e sentido.

Nessa época — em 1998 —, era obrigado a ter vários empregos para conseguir sobreviver. Escrevia artigos mal pagos sobre literatura para alguns jornais ou revistas e, certas noites, tocava piano em bares da baixa para entreter os clientes, enquanto bebiam e conversavam. Tocava mal, mas ninguém parecia importar-se. A estes dois trabalhos instáveis, juntava o meu parco salário de livreiro num alfarrabista na Rua Mouzinho da Silveira, uma grande loja quadrada, com o teto parecido com o de uma igreja, cheia de livros arrumados em estreitas filas de estantes.

Visitara a loja pela primeira vez uns anos depois de chegar ao Porto — em 1994 —, no dia em que fora despedido, de novo, de mais um restaurante. Odiava aquele tipo de trabalho repetitivo, de pé, durante horas, a lavar louça gordurosa ou a transportar pratos para as mesas e de volta para a cozinha. Trabalhava mais horas do que as que me pagavam — que, mesmo assim, nunca eram suficientes — e acabava sempre por ser despedido por algum erro ou azar. Tudo isto para ter dinheiro para comprar

livros e escrever. Aos poucos, a cidade oprimira-me, não tinha amigos, nem contexto social. O tempo passara, estava ali há dez anos, o século estava a chegar ao fim, mas eu continuava no mesmo sítio, apanhado no charco da cidade como tantos outros aspirantes a escritor antes de mim.

Nessa tarde de 1994, de cigarro entre os dedos, sentira-me perdido. Uma sensação que conhecia demasiado bem. Desesperado, vagueara pelas ruas de céu plúmbeo à procura de anúncios de trabalho nas montras dos cafés e das lojas. O dinheiro que trouxera comigo gastara-o nas primeiras rendas e há muito que terminara, tinha apenas o suficiente para uma ou duas semanas, três se fosse comedido nos gastos e fumasse pouco. Foi nesse momento que me detive diante de uma montra com livros de John Fante. Não sei o que me chamou a atenção, se o autor tão incomum, se as memórias que aquelas obras espoletaram em mim. Olhei para cima, vi um ferro de metal preto com um candeeiro antigo e pesado na ponta, de onde pendia «Alfarrabista». Empurrei a pesada porta e entrei. Um velho homem estava sentado a uma mesa, analisando com uma lupa um livro de aspeto muito antigo. Boa tarde, disse, ao entrar. Não me pareceu que ele tivesse ouvido, pois continuou embrenhado na sua meticulosa tarefa. Dirigi-me para os livros de John Fante. Estiquei a mão e peguei num deles. Estava bem cuidado. Tinha poucas marcas de leitura, e apenas um ou outro rabisco. Li algumas frases e a escrita arrebatou-me. Só por uma vez pegara num livro de John Fante, *Pergunta ao Pó*, no dia em que o meu avô morrera.

O que procura?, ouvi perguntar, de súbito, nas minhas costas. Assustei-me. O velho homem estava agora parado atrás de mim. Era baixo e magro, o cabelo espesso, o olhar gentil como uma tarde de primavera. Estava a folhear os livros do John Fante, respondi, chamaram-me a atenção na montra. Conhece John Fante? Há muitos anos, quando era adolescente, li *Pergunta ao Pó*, mas depois nunca mais encontrei nada dele traduzido. Em Portugal,

não o conhecemos, nem às aventuras de Arturo Bandini, explicou o homem. Aliás, é a primeira pessoa que entra aqui à procura dele desde que o expus na montra, confidenciou. Entreguei-lhe o livro num impulso. Vou levar!, disse. Ele sorriu como uma criança e encaminhou-me até à caixa registadora. Depois de pagar, dirigime para casa, e, enquanto andava, apercebi-me de que a tarde caíra e o trânsito invadira entretanto a cidade, infestando o ar com o fumo dos tubos de escape.

Nessa noite, após ter jantado um pão com queijo e um copo de vinho, peguei no livro que comprara e deitei-me na cama, que não era mais do que um colchão pousado no chão tapado por cobertores poeirentos. Fora o que pudera comprar com as minhas poupanças da adolescência, quando arrendara o apartamento despido de móveis, uns dias depois de chegar à cidade. Com a cabeça de fora dos cobertores, li noite dentro, via as personagens, dava-lhes corpo, sentia-lhes o prazer e o drama, a coragem, o medo, o espaço enchia-se de imagens e cores. Quando adormeci, tinha a sensação de estar menos só.

Voltei ao alfarrabista várias vezes nos dias seguintes. Comprei mais livros, não apenas de John Fante, senão de outros escritores que há muito queria ler e que fora adiando por falta de tempo; falava também com o livreiro sobre literatura e escritores, ele não parecia ter muito que fazer. Sentia um medo galopante de ficar sem dinheiro e não conseguir pagar a renda desse mês ou até comer, mas, mesmo assim, passei esses dias mergulhado na leitura — o ardor da rebeldia —, qual caminho de fuga da minha vida miserável e instável. O futuro logo se veria.

No entanto, num fim de tarde em que voltei à loja, recebi uma oferta de emprego inesperada. A noite já havia caído, a luz fraca e dourada do candeeiro antigo pendurado no teto deixava no ar um certo mistério. Cheirava a algo que eu não sabia caracterizar, os livros pareciam sussurrar uns com os outros, como se contassem as suas histórias, ou profanassem segredos

antigos e bem guardados. Encontrei o velho com um livro na mão. Prefiro ser alfarrabista a ter uma livraria com obras novas, disse, quando me viu entrar. Fiquei a olhar para ele, sem saber o que dizer. Naquele momento, pareceu-me um pouco louco, os olhos inquietos, a roupa desalinhada. Sabes, a vida é como um livro. Andamos por aí, viramos páginas, começamos novos capítulos, temos a nossa catarse. No fim, deparamo-nos com um desfecho feliz ou um desfecho terrível. Parou, e perguntou: E tu, o que fazes na vida? Tens vindo aqui todos os dias, mas não sei nada sobre ti. Fui despedido do restaurante onde trabalhava a servir às mesas, estou desempregado, murmurei. Desempregado? Não tenho emprego, mas escrevo. O que escreves? Estou a trabalhar num romance. Vim para a cidade para escrever, muito influenciado pelas histórias que o meu avô me contou na infância. Achei que seria fácil, que estava destinado a escrever um grande romance, como os que leio, mas ainda não consegui terminar nenhum rascunho, já lá vão seis anos. Creio que não estou fadado a consegui-lo, concluí. O velho encarou-me com os olhos a brilhar. São precisas longas batalhas contra as palavras e os fantasmas, para se ser escritor. Não é fácil. O escritor escreve, cria e faz sonhar. Mas também tem o poder de rasgar o leitor em mil pedaços. Calou-se e olhou-me com cautela. O que achas de vires trabalhar para mim? Com a idade, já não dou conta do recado e tu pareces ter conhecimentos mais do que suficientes. Além disso, assim poderás levar para casa os livros que quiseres ler. Olhei-o, surpreendido. Então, ele acrescentou: A não ser que prefiras voltar a carregar pratos! Prefiro trabalhar aqui, disse rapidamente, e apertámos a mão para selar o acordo. Caminhava para a saída quando me lembrei de que não lhe tinha dito o meu nome. Nem me apresentei. Chamo-me Tomás, Tomás Franco. O velho olhou para mim e enxotou-me com a mão. Podes tratar-me por senhor Cerejeira. Agora vai.

Quando saí da loja, fui percorrido por um alívio que não me lembrava de sentir. Havia uma réstia de esperança. Subi o resto da rua a pé, em direção à Rua do Almada. O apartamento estava escuro, apenas uma certa luminosidade entrava vinda da rua. Acendi a luz do candeeiro da secretária e vasculhei os armários por comida. Jantei uma lata de atum em conserva e, no fim, peguei num cigarro e acendi-o. Pousei o maço ao lado da máquina de escrever e aproveitei para encher um copo de vinho. Abri a porta da varanda para o ar não ficar infestado de fumo. Por fim, cobri as costas com um dos cobertores da cama e sentei-me em frente à máquina de escrever, alheado dos fantasmas que se escondiam por detrás das cortinas.

Eu não dormia na retrete dos outros, como o Herberto Helder, mas tinha também criado o meu lugar para escrever. Menos ruim e mais confortável. Também boémio. Ali não me interromperiam a meio da noite quando algum burguês quisesse usar a *toilette*¹. E compreendia-o, a solidão era fértil para escrever. Um dia, todas aquelas palavras, as que cerzia no conforto e na desgraça, teriam um destinatário. Ou, pelo menos, assim eu o esperava.

¹ Alusão ao texto «Vida e obra de um poeta», em *Os Passos em Volta* (1963), de Herberto Helder.

3

A minha irmã morreu em 1980, no dia em que fiz treze anos. Esse foi também o dia em que perdi a inocência, em que tudo mudou, onde teve origem a história que conto hoje, uma história de amor, tragédia e livros — mas essencialmente de amor.

Era uma manhã fria de fevereiro. Acordei cedo, levantei-me logo da cama. Os meus pais ainda dormiam. Tinham o hábito de organizar jantares que duravam a noite inteira com os proprietários de outras quintas da região. Urinei no penico de louça e guardei-o sujo debaixo da cama. Quando desci a escada, encontrei Rosa, a criada, a arrumar o salão, o cabelo atado, o avental pendurado ao pescoço. Vivia connosco desde que me lembrava e dormia num pequeno quarto adjacente à cozinha. A enorme mesa estava cheia de pratos gordurosos, garrafas vazias, cinzeiros a transbordar, e ela passava apressada com os braços carregados. Segui-a até à cozinha de chão de pedra. Cheirava ao brasido da noite anterior, aos restos da comezaina. Sem a ver chegar, a minha irmã abraçou-me. Parabéns!, guinchou. Era três anos mais nova do que eu, mas tinha quase a minha altura. Vestia ainda o pijama. Já estou a aquecer o leite, disse Rosa, interrompendo-nos, enquanto pousava à nossa frente um prato com fatias de bolo de laranja ainda quente e bem doce. Senta-te, Iolanda!, pediu, num tom afetuoso, ajeitando-lhe o cabelo.

Estas são hoje memórias remotas de uma vida que muitas vezes parece que nunca existiu. No entanto, se olhar para o meu bilhete de identidade, vejo que realmente nasci ali, naquela pequena aldeia de Freixo de Numão, mais um entre as cerca de oito centenas de habitantes perdidos entre as encostas do rio

Douro e o vale de Vila Nova de Foz Coa, no fim dos anos sessenta, mais precisamente em 1967, numa época em que a Europa lutava por deixar para trás as suas ditaduras e se revoltava contra o conservadorismo social e a Guerra do Vietname. A utopia dos anos setenta aproximava-se, a Revolução dos Cravos estava para breve, mas a capital ficava longe, as estradas eram más, a política, assunto de homens de gravata, algo que ouviam na telefonia, entre os disparos da estática; o que era a Guerra Fria comparada com as tempestades de granizo que destruíam as colheitas, com o calor sufocante de julho que obrigava a descer para as lojas? A única política que interessava ali era a Guerra do Ultramar; as mães choravam copiosamente nas procissões, entre gemidos pediam à Nossa Senhora da Carvalha para os filhos voltarem vivos de África, esse sítio vago que nem sabiam bem onde era, «terra de pretos que querem derrubar o império»; apesar de ser um miúdo, lembro-me bem do sufoco que era quando a imagem da santa recolhia à capela e as mães entravam atrás, como se estivessem também elas a ser extirpadas por minas.

O meu pai era um homem de poucas palavras, devoto e conservador, com dificuldade em mostrar os sentimentos, e dez anos mais velho do que a minha mãe. Gostava da casa arrumada e asseada, nunca nada estava fora do sítio, nem uma revista, nem um par de sapatos, os casacos nos bengaleiros, os brinquedos no quarto, os livros nas estantes. Nunca soube em que aldeia ou vila nascera, nem nunca conheci ninguém desse lado da família. Era um tema sobre o qual não se falava. Administrava a quinta e o pequeno negócio de vinho do Porto da família, uma tradição com alguns séculos. A quinta, de cerca de cem hectares, dava emprego a muitas famílias da região, a sua origem remontava aos antepassados da minha mãe. Antes de os meus pais se casarem, o negócio era gerido pelo meu bisavô. Não me recordo dele, morreu quando eu tinha quatro anos, mas aparentemente era um homem forte como um cavalo que, apesar da idade — quase

noventa anos —, trabalhou até ao dia em foi encontrado morto junto aos tanques da propriedade, derrubado pelo coração. Já a minha mãe era uma mulher de estatura pequena, amável, muito bonita, com uns grandes olhos verdes e bom gosto para a música. Segundo o que ouvira dizer, quebrara muitos corações nos bailaricos da aldeia, até casar com o meu pai, aos dezoito anos. Tomava conta da casa, gostava do gira-discos sempre ligado e tocava muito bem piano — foi ela que me ensinou. O seu sorriso de dentes brancos e alinhados contrastava com a presença do meu pai, mais taciturna e desconfiada, fechada. Ele era implacável nos negócios. Sou justo, mas cobro, ouvia-o dizer, orgulhoso, do alto da sua imponência e reputação.

Contudo, a grande figura daquela casa onde vivíamos todos era o meu avô. Habitava um mundo diferente, um mundo que era só dele. Aonde quer que fosse, destoava de todas as pessoas da sala, e não apenas por ser muito alto. Era um homem misterioso, cheio de segredos, o rosto marcado pelos anos, cada ruga era uma marca de vivências, uma noite de histórias à lareira. Não era português, nascera em Paris, em 1910. Fugira de França durante a Segunda Guerra — não sabia ao certo o ano —, sozinho, e refugiara-se no Porto, onde vivera até casar com a minha avó, em 1948. Porém, pouco sabia sobre ele, sobre o seu passado em França, sobre os anos em que vivera no Porto. Sabia apenas que fora escritor, de renome, em Paris, nos anos trinta, e que escrevera um livro que ganhara um prémio importante, mas não sabia mais nada: o seu passado era um campo proibido, um quarto secreto, os pormenores eram racionados com cautela.

Ao contrário do resto da família, nunca o vira na missa ou na igreja. Passava o tempo no escritório, no meio de livros e do fumo de charuto em brasa, nunca quisera ter nada que ver com os negócios da quinta. Contou-me de que foi no Porto, num espectáculo de teatro, que conheceu a minha avó. Casaram-se alguns meses depois, e mudou-se do Porto para o casario de Freixo de

Numão, uma imponente casa de pedra e de chão de madeira, construída no terreno da quinta, no final de um longo caminho de cascalho, ladeado por vinhas e, em certas partes, árvores frondosas. No entanto, a minha avó morreu demasiado cedo, muitos anos antes de eu nascer, conheci-a apenas pelas inúmeras fotografias espalhadas pelas divisões e histórias que o meu avô contava dela. Ele era a trave-mestra daquela casa, a estrutura, os alicerces.

A morte da minha irmã marcou a vida de todos os que viviam naquela casa, e eu fiz parte dos destroços que sobraram na desolação de paredes demasiado grossas e frias. Naquele fim de tarde, quase à hora do jantar, a minha irmã foi atropelada quando saía da mercearia da aldeia. Estava escuro e o carro não a viu. Ao lado do corpo sem vida e mutilado, encontraram uma pasta de dentes *Couto* e uma caixa de velas dentro de um saco. A sua vida tinha acabado ainda antes de começar. Mais tarde, quando o guarda-republicano saiu pela porta principal, entrando de seguida no jipe que parara uma hora antes em frente ao casario com um chiar de pneus, eu abandonei o meu posto de vigia no andar de cima e desci a escada sem fazer barulho. Aproximei-me da sala e olhei pela porta envidraçada para o meu pai, sentado no sofá, muito direito. Não parecia ter vontade de dizer nada. No outro sofá, o meu avô amparava a minha mãe, que chorava e tremia incontrolavelmente. Deitava gemidos impressionantes, como eu nunca ouvira. O gira-discos estava desligado e assim permaneceria nos anos seguintes. A era das palavras e dos risos tinha acabado.

A dor só veio mais tarde, a verdade é que foi o medo que senti que me fez nunca mais esquecer aquele dia. O terror de não perceber o que estava a acontecer, de permanecer invisível aos olhos de todos. Nunca ninguém me disse que a minha irmã tinha morrido, limitaram-se a presumir que eu teria percebido. E percebi, claro, apesar de o caixão ter permanecido fechado durante

as cerimónias fúnebres. Percebi pelas frases soltas que ouvi aqui e ali, percebi porque todos carregavam nos olhos o contorno da morte e da falta de sentido do que acontecera, percebi porque ela nunca mais voltou da mercearia, apesar de a ter procurado durante dias em todos os cantos da casa, em todos os sítios onde ela se escondia quando brincávamos.

Foi nessa altura que me tornei incapaz de dormir. Passei a ser um miúdo com demasiadas olheiras, pouco falador, perdido em memórias e pensamentos tristes, que acordava suado e em pânico a meio da noite, na escuridão do quarto. Numa delas, sem conseguir dormir, fui pé ante pé até ao da minha irmã. Com uma vela na mão, percorri o espaço, sentindo uma forte angústia no peito. A colcha muito branca e esticada, os brinquedos com pó, o ar gelado. Quando voltei para a cama, tremia sem parar, como se o frio se me tivesse entranhado nos ossos. Chorei a noite toda, sentia-me alarmado, inseguro, sem ideia do que era suposto fazer, e acabei a chamar pela minha mãe. No entanto, tal como de outras vezes, ela não apareceu para me acudir. E, desesperado, molhei o pijama e a cama.

O funeral foi há muitos anos. Muito se passou entretanto. Uma vida inteira. Eu parti. Nunca regresssei. Mas ainda hoje as gentes da aldeia garantem, como quem conta uma lenda, que todas as flores murcharam à medida que o caixão se moveu pela aldeia na carrinha funerária, seguida a pé por toda a população — os murmúrios fúnebres e ave-marias —, da bonita igreja do largo empedrado até ao cemitério.

Era o início da tragédia da minha família.

UM ESCRITOR À PROCURA DO SIGNIFICADO DO PASSADO E DA LITERATURA

«Em janeiro de 1998, eu tinha trinta anos, era pobre e um escritor falhado.»

Tomás Franco mudou-se para a cidade há dez anos para escrever e fugir de uma infância lacerada por uma tragédia, mas também para perseguir a história do seu avô, Pierre Lacroix, um escritor outrora premiado, fugido de França durante a Segunda Guerra, e do qual ninguém quer falar.

No entanto, nada corre como esperado, e tudo o que encontra são noites que passam como clarões, camas geladas, a agonia do silêncio e da solidão, empregos precários. Até que conhece Leonor, uma rapariga envolta em mistério que lhe muda o destino.

No Porto, França, Florida ou Marrocos, Tomás Franco persegue a literatura proibida e indecente, os passos dos escritores imortais, enquanto caminha sobre a ténue linha que separa as personagens dos livros das reais.

O amor impossível e visceral, a paixão como doença, apartamentos assombrados trancados para sempre, a aparição de uma figura do passado, as diferentes versões de nós próprios, a finitude da vida.

«Muitas vezes penso no que teria acontecido se nunca tivesse ligado a Leonor.»

É ESTA UMA HISTÓRIA DE AMOR?



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897875793



9 789897 875793 >